

Interacção em Sala de Aula: Observação e Análise*

Carlos de Melo Dias **

José António Morais ***



A observação não será certamente a única forma do homem inteligibilizar o *mundo* com os seus fenómenos e interacções que o rodeiam e dos quais faz parte, pois se nos reportarmos a uma sessão educativa, como refere ESTRELA (1978, p. 57), "a observação do professor é o seu principal meio — se não o único — de conhecimento do aluno, meio esse que deverá ser a principal fonte de regulação da actividade do professor e dos alunos, constituindo a base da avaliação de diagnóstico e formação".

No âmbito desta importância fulcral do processo de observação, foi realizado este trabalho de iniciação à observação naturalista e análise da interacção, com o objectivo de mostrar um treino inicial no processo e método de observação e análise da interacção de classes.

Após a revisão de bibliografia que enquadra teoricamente o conceito e a técnica, foi experimentada a observação naturalista, seguida de iniciação à análise da interacção com base numa *ficha de síntese da observação* (ESTRELA, 1986, p. 235).

O método de análise da interacção

Segundo HAMILTON & DELAMONT (1974, *in* ESTRELA, 1986, p.55), os métodos de observação de classes mais usados na investigação e na formação de professores dividem-se em duas grandes correntes: a investigação antropológica e a análise da interacção.

Apesar das falhas apresentadas pelo método de análise da interacção — ignora o contexto da acção,

não regista dados ambientais, não descreve os observados enquanto pessoas, exclui as intenções e finalidades, não considera o ponto de vista do observado, utiliza categorias mal definidas que podem distorcer a realidade, é aplicado a períodos de observação curtos —, as suas numerosas vantagens levam a que, muitas vezes, seja preferido para a observação de classes. As vantagens da análise da interacção traduzem-se pelas suas potencialidades para uma aplicação extensiva, pelo recurso a sistemas de observação e de notação de grande simplicidade, pelo fornecimento de dados passíveis de tratamento estatístico e pela possibilidade de descoberta das normas de funcionamento da classe.

* Artigo baseado num trabalho realizado no âmbito do Curso de Pós-Graduação em Pedagogia da Saúde da ESEAF, sob a orientação do Professor Doutor João Amado.

** Mestre em Ciências de Enfermagem; Assistente do 1º Triénio da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

*** Professor Coordenador da Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Beja.

A observação

A observação é um processo fundamental desprovido de um fim em si mesmo, mas que, sendo subordinado ao serviço dos sujeitos e dos seus processos complexos de inteligibilização do real, fornece os dados empíricos necessários a uma análise crítica posterior.

Quando utilizado nas ciências sociais e humanas, o processo de observação depara com algumas dificuldades derivadas da contingência das diversas variáveis nele intervenientes, nomeadamente, o sujeito observador, o objecto⁽¹⁾ observado, a interacção sujeito observador-objecto observado e as situações pedagógicas. Essas dificuldades podem levar o “professor a olhar para a sua classe e não a ver” (ESTRELA, 1992, p. 12), quando não dispõe de instrumentos e metodologias de observação que lhe permitam detectar os fenómenos de ordem pedagógica.

Assim, no âmbito da pedagogia, na dimensão das ciências sociais e humanas, o observador/investigador necessita de estabelecer um critério de observação que lhe permita organizar e dirigir a sua observação sobre o objecto ou situação pretendidos; desta forma, a observação de classes constitui, naturalmente, uma importante e necessária etapa no processo de intervenção pedagógica fundamentada na prática do quotidiano.

Projecto Estratégia e Observação

As dificuldades de caracterização das situações pedagógicas resultam, fundamentalmente, do conhecimento subjectivo da realidade e das representações sociais, por parte do observador. Realizar a observação com interesse pedagógico e científico implica a organização de um projecto de observação que permita ultrapassar essas dificuldades e identificar os fenómenos de interesse pedagógico.

(1) “Objecto observado: Alvo específico da observação, podendo corresponder a pessoas, grupos, objectos, fenómenos e situações” (LALANDE, 1968, in DAMAS & DE KETELE, 1985, p.31).

O projecto de observação decorre da definição dos objectivos da observação e deve contemplar três aspectos essenciais: a delimitação do campo de observação (estabelecer a escolha do observável, nomeadamente, as situações e comportamentos, as actividades, os tempos e espaços de acção, as formas e conteúdos da comunicação, as interacções verbais e não verbais, etc.); a definição das unidades de observação (estabelecer a escolha da classe, da turma, da escola, do recreio, dos alunos e professor e do tipo de fenómenos) e o estabelecimento das sequências comportamentais (estabelecer a escolha do *continuum* dos comportamentos ou do relatório comportamental).

A aplicação do projecto de observação no campo da prática exige a definição de uma estratégia de observação adequada aos objectivos propostos e ao campo de observação delimitado (ESTRELA, 1986). Qualquer estratégia de observação deve ter em conta as seguintes componentes:

- a) formas e meios de observação – escolha dos processos, métodos, técnicas e instrumentos, de acordo com os objectivos pretendidos e com a situação em causa;
- b) critérios e unidades de registo de dados – escolha dos critérios de ordem funcional e temporal e definição das unidades de observação molar e molecular;
- c) métodos ou técnicas de análise e tratamento dos dados recolhidos – estabelecimento da fidelidade e validade dos dados, identificação das variáveis e factores determinantes, elaboração de modelos de inteligibilização do real;
- d) preparação preliminar e de aperfeiçoamento dos observadores – comparação entre os diversos protocolos de observação directa, análise de gravações, simulações.

A tendência actual, na investigação em observação de classes, é a colocação do observador em posição de co-territorialidade, isto é, o observador observa a situação como participante, nela integrado emocional e racionalmente, mantendo, em simultâneo, a capacidade de observação positivista da situação em causa.

Este posicionamento do observador parece ser o que mais cabalmente responde à explicitação dos comportamentos observados, providenciando, por outro lado, a compreensão do processo lógico situado na origem desses mesmos comportamentos.

O Processo de Observação

Segundo ESTRELA (1986, p. 135), “só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento”, o que significa que, por intermédio da percepção e da interpretação subjectiva do real, efectuadas pelo observador, podem ser identificadas as variáveis presentes e as interacções, providenciando o material para uma análise objectiva da situação e para a construção de uma consciência crítica de si mesmo e dos outros, na situação em questão.

É o processo de observação que, conduzido pelo projecto e aplicado pela estratégia de observação, permite a conjugação e a estruturação de um conjunto de dados subjectivos do real, tendo como objectivo a avaliação da situação, com vista à intervenção pedagógica. O processo de observação, correspondendo, de grosso modo, a uma operacionalização da estratégia de observação delineada, é fortemente condicionado pela função e pela forma da observação.

A função da observação contribui para a “criação ou utilização de um instrumento de observação” (DAMAS & DE KETELE, 1985, p. 26), podendo assumir-se como descritiva (descreve os fenómenos, os comportamentos ou a situação), formativa (resulta da retroacção da observação), avaliativa (reside no contributo para a tomada de decisão para a acção), heurística (resulta da provável emergência de hipóteses pertinentes) ou de verificação (permite verificar uma hipótese no campo da prática).

Relativamente à forma de observação, ela resulta da interpretação do processo de observação baseada num critério específico – o observador, o processo (propriamente dito), o objecto observado, a situação de observação, o grau de liberdade e de inferência, o momento ou o tipo de anotação.

O diferente posicionamento assumido pelo observador durante a observação permite a diferenciação entre *observação não participante* e *observação participante*, correspondentes, respectivamente, à observação efectuada por um observador distanciado do observado e não integrado na vida deste, e àquela em que o observador colabora, de algum modo, na actividade do observado, sem, contudo, perder a integridade do seu papel de observador. A observação participante pode, ainda, subdividir-se em *observação participante passiva* e *observação participante activa* (DAMAS & DE KETELE, 1985), consoante o observador permaneça íntegro na observação de um mundo estranho, mantendo flexibilidade, humor e paciência, ou desempenhe funções susceptíveis de modificar, efectivamente, certos aspectos da interacção na situação observada.

Quanto ao processo, a observação pode classificar-se em observação ocasional, sistemática ou naturalista.

A *observação ocasional* é realizada por escolha do observador, tendo em vista um momento específico da interacção dos indivíduos ou um momento específico de um fenómeno, resultando no registo dos incidentes ocasionais verificados pelo observador.

A *observação sistemática* “coloca em relevo a coerência dos processos e dos resultados obtidos, utilizando técnicas rigorosas, em condições bem definidas, com possibilidade de validação e repetição” (REUCHLIN, 1969 *in* ESTRELA, 1986, p. 42), dispondo o observador de um método de anotação orientado para a recolha de dados susceptíveis de tratamento estatístico (PAQUAY, 1974 *in* ESTRELA, 1986) que podem assumir duas formas distintas – sistemas de sinais e sistemas de categorias (MEDLEY & MITZEL, 1963 *in* ESTRELA, 1986).

A *observação naturalista* é aquela que, sendo sistematizada, é realizada em meio natural por um observador distanciado em relação à realidade observada, descrevendo as circunstâncias das situações ou os comportamentos dos indivíduos. Preocupando-se com a descrição dos comporta-

mentos do observado (segundo a Etologia) ou com a descrição da situação da qual resulta o comportamento (segundo a Ecologia), esta forma de observação é uma técnica que tem como finalidade a descrição de biografias. Para a concretização da descrição biográfica, ESTRELA (1986) enuncia os quatro princípios que definem a técnica:

- *Princípio da não selectividade da observação* – os dados são acumulados sem selecção, embora sejam passíveis de análise posterior;
- *Princípio da precisão da situação* – é indispensável a definição da situação concreta em que se produziram determinados comportamentos ou atitudes observados;
- *Princípio da composição* – as unidades de comportamento constituídas em grande número fundem-se umas nas outras para constituírem as biografias;
- *Princípio da continuidade* – assegura uma observação correcta com o enquadramento global do observado ao longo de toda a situação ou actividade, estabelecendo um *continuum* comportamental do observado.

Definindo-se por “objecto observado” o que é alvo específico da observação, esta pode incidir sobre factos ou sua representação, pode ser atributiva ou narrativa, e ainda, introspectiva ou alospectiva (DAMAS & DE KETELE, 1985).

A *observação incidente em factos ou representações* é orientada para as características da situação, para os comportamentos e as interacções, visando recolher opiniões e modos de perceber os comportamentos e fenómenos. A *observação atributiva* aplica a sua função sobre a presença ou ausência de objectos, das suas características ou de uma acção nos objectos, enquanto a *observação narrativa* aplica a sua atenção sobre o desenrolar das acções, os seus efeitos ou a sucessão dos estados — físico, afectivo, etc. — que acompanham o seu desenvolvimento (DAMAS & DE KETELE, 1985). Por outro lado, a *observação introspectiva* corresponde a uma observação em que o observador coincide com o sujeito observado, enquanto a *observação alospectiva* é conduzida por um observador externo.

De acordo com o critério da situação, distinguem-se as seguintes formas de observação: observação natural *vs* observação manipulada e observação molar *vs* observação molecular. A *observação natural* é feita com os sujeitos colocados no seu quadro de vida habitual ou familiar, enquanto a *observação manipulada* coloca os sujeitos numa situação estranha aos seus hábitos. “A *observação molar* corresponde à apreciação de carácter global do comportamento, nomeadamente as acções dos sujeitos, enquanto a *observação molecular* corresponde a um carácter mais específico, nomeadamente os gestos, manipulações, etc., dos sujeitos” (PIERON, 1973, in ESTRELA, 1986, p.53).

As formas de observação classificadas quanto ao momento da observação são a *observação longitudinal* — que tem por objectivo a investigação dos comportamentos do sujeito, em função da dimensão tempo — e a *observação transversal* — cujo objectivo é estabelecer um quadro suficientemente representativo dos comportamentos do sujeito, durante um dado período de tempo e em determinada situação relativamente circunscrita.

No que respeita à diferenciação do grau de liberdade da observação, a *observação livre ou não-sistemática* (que não possui qualquer regra de anotação) opõe-se à *observação sistemática* (além do *continuum* de observação, comum à primeira, apresenta dados do real mais concretos, rigorosos e organizados).

Quanto à diferenciação do grau de inferência, a *observação com grau de inferência fraco* é feita por um observador que regista, escrupulosamente, apenas o que vê e ouve, sem se preocupar com o valor da sua representação; enquanto na *observação com grau de inferência forte* o observador regista tudo o que percepção da situação, para além do que vê e ouve, incluindo as motivações, os sentimentos e as intenções.

Podem, ainda, referir-se a *observação de anotação imediata* e a *observação de anotação diferida*, as quais se distinguem porque, na primeira, a anotação é feita em directo com a observação do objecto, do comportamento ou do

fenómeno, enquanto, na segunda, a observação e o registo de anotações estão separados por um período de tempo relativamente longo.

Da Análise da Interação

Segundo ESTRELA (1986, p. 232), “a determinação das funções dos comportamentos observados é algo que se tem revelado difícil, não só pela complexidade de operações que envolve, como também pela arbitrariedade dos princípios em que assenta.” Com efeito, para uma análise e interpretação exaustivas dos comportamentos verbais observados, torna-se indispensável um domínio razoável da técnica de análise de conteúdo. Esta é definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977).

Objectivo

O trabalho proposto teve como objectivo geral a análise da interação ocorrida numa situação de aula. Não tendo sido apontado qualquer aspecto específico a analisar, entendeu-se como interação o conjunto de comportamentos desenvolvidos pelos intervenientes durante a situação a observar.

Metodologia

A metodologia utilizada foi inspirada no modelo de «observação de classes» (ESTRELA, 1986), sendo composta pelas seguintes fases:

1. observação naturalista efectuada por dois observadores, com recurso a protocolo de observação;

2. elaboração de grade de categorias para registo de comportamentos de interacção;
3. elaboração de grade de sinais para registo de comportamentos verbais;
4. elaboração de quadro-síntese.

A primeira fase, a única que corresponde a uma fase experimental do trabalho, pois consiste na execução da tarefa de observação propriamente dita, é descrita, a seguir — Observação de situação de aula.

Todas as outras fases ocorreram depois da fase experimental, sendo correspondentes a operações de tratamento e de análise de resultados, e serão abordadas no item análise e interpretação da interacção.

Observação de Situação de Aula

Não tendo sido definidos objectivos específicos para o trabalho, para além da análise geral da interacção, foi seleccionada a forma de observação naturalista por possibilitar a detecção de uma gama variada de comportamentos e por se debruçar sobre a continuidade das acções, permitindo fazer a sua localização precisa na situação descrita. Outras razões que contribuíram para a escolha desta forma de observação foram o facto de não existir, por parte dos autores, conhecimento prévio do tipo de aula a observar, da sala, da disciplina, ou mesmo, do professor e o facto de ser a técnica mais prática de compreender e manejar, logo mais acessível a iniciados em observação de classes.

Embora, actualmente, ESTRELA defenda a colocação do observador em co-territorialidade com o sujeito, os autores decidiram realizar uma observação não participante, distanciada e intencional, devido ao não conhecimento prévio das características da situação a observar, tal como foi acima exposto. Pelo facto de não terem sido explicitados os objectivos específicos do trabalho, foram observadas as acções dos sujeitos, de modo geral, podendo, então, classificar-se a forma de observação utilizada como molar. A forma de observação aplicada pode, ainda, classificar-se

como alospectiva, narrativa, natural, transversal, livre e com grau de inferência fraco.

Para a concretização da observação, os autores foram munidos de um instrumento para registo dos dados — protocolo de observação — bastante simples e cuja criação foi inspirada em instrumentos semelhantes publicados por ESTRELA (1986). O instrumento utilizado pode ser consultado no Apêndice 1.

A posição ocupada pelos observadores durante a observação não foi totalmente escolhida pelos observadores; dadas as contingências da sala de aula onde se realizou a observação, os observadores procuraram situar-se na melhor localização possível, de modo a executar a sua tarefa de acordo com a estratégia por si definida.

Durante a observação, a preocupação dos autores incidiu sobre o preenchimento do respectivo protocolo de observação, procurando relatar o maior número possível de incidentes, com o maior rigor possível, à medida que iam ocorrendo.

Em simultâneo com a operação de registo de dados no protocolo de observação, e de modo a facilitar a posterior análise da interacção, ambos os observadores esboçaram um esquema representativo da disposição de alunos e professor, na sala de aula, tendo sido dado especial relevo à identificação dos alunos. O esquema delineado, embora incipiente, revelou-se de extrema utilidade para a identificação dos responsáveis pelos diferentes comportamentos observados.

Análise e Interpretação da Interacção

Tal como foi referido anteriormente, as tarefas de tratamento de dados, análise e interpretação de resultados foram englobadas neste item e designadas por: grade de categorias para registo de comportamentos de interacção, grade de sinais para registo de comportamentos verbais e quadro-síntese. Em qualquer destas fases, procurou-se implementar a praxis da técnica de análise de conteúdo, embora as limitações impostas pelos objectivos de âmbito geral do trabalho e pela falta de treino dos autores não tenham permitido mais do que uma mera introdução superficial à técnica.

• Grade de categorias para registo de comportamentos de interacção

A primeira tarefa realizada no âmbito da análise da interacção consistiu na elaboração de uma grade de categorias para registo dos comportamentos de interacção observados, efectuada logo após a ocorrência da situação observada. Para isso, procedeu-se a uma análise de conteúdo superficial dos registos presentes nos protocolos de observação preenchidos pelos dois observadores, para a detecção dos diferentes tipos de comportamento ocorridos. Tendo presente os objectivos do trabalho, o estabelecimento das categorias da grade foi efectuada por categorização dos comportamentos observados e pela identificação dos elementos de ordem estrutural.

A grade construída apresenta quatro categorias de base (tempo, intervenientes, comportamentos verbais, comportamentos não verbais) e uma categoria complementar (observações) onde foram incluídas as informações não enquadráveis em nenhuma das categorias anteriores e as inferências feitas por cada observador. Dada a natureza geral do objectivo do trabalho proposto, foram criadas, apenas, duas categorias de comportamentos — verbais e não verbais — não tendo sido considerado necessário proceder a um maior aprofundamento na distinção e na especificação dos comportamentos. Para a construção da grade, os autores inspiraram-se nos modelos publicados por ESTRELA (1986).

O preenchimento da grade foi efectuada com as informações provenientes dos protocolos dos dois observadores, tendo em conta o momento da ocorrência dos comportamentos e o observador que efectuou o registo.

• Grade de sinais para registo de comportamentos verbais

Quando da elaboração da grade de categorias, foi aperfeiçoado o esquema representativo da disposição de alunos e professor, na sala de aula, e foram colocados os sinais de comportamentos de comunicação, em acordo com a grade de categorias elaborada. A notação utilizada é a mesma publicada por ESTRELA (1986).

• *Quadro-síntese*

A partir da grade de categorias elaborada procedeu-se à análise da interacção, de modo a fazer uma caracterização geral dos comportamentos e das situações. Os resultados obtidos são apresentados na forma de um quadro-síntese, o qual foi concebido segundo o modelo de caracterização de

situações pedagógicas. Apresentando duma forma sucinta, o modelo de caracterização de situações pedagógicas foi concebido, segundo o autor, para preparar e fundamentar a intervenção pedagógica nos educandos/formandos, dividindo-se em três fases: a estrutura, a dinâmica e a organização (ESTRELA, 1992).

Quadro-síntese da grade de categorias

<p>Estrutura verificada pela observação</p>	<p>1ª tarefa: A professora apresenta-se, caracteriza-se com dois adjectivos e solicita aos alunos que façam o mesmo, por determinada ordem. Os alunos apresentam-se. 2ª tarefa: A professora apresenta o tema da disciplina e pede aos alunos que escrevam a definição de "stress", para, depois, lerem à turma, por determinada ordem. Os alunos, sentados à volta da sala, escrevem e conversam uns com os outros. 3ª tarefa: A professora dirige a leitura de opiniões dos alunos, interrompendo, algumas vezes, para questionar ou fazer comentários. Os alunos, sentados à volta da sala, ouvem e escrevem e alguns conversam. O ritmo é lento e pouco variável.</p>
<p>Dinâmica da comunicação</p>	<p>Professor-alunos: O professor dirige-se a todos os alunos e particularmente a cada um quando não percebe o que este diz ou para solicitar maior explicitação da opinião emitida. Nível de comunicação baixo.</p>
	<p>Alunos-alunos: O professor não controla a comunicação alunos-alunos. Existe alguma comunicação parasita durante todo o período da observação.</p>
<p>Relações</p>	<p>Professor-alunos: As relações são indiferenciadas, sem nenhum privilégio para qualquer aluno.</p>
	<p>Alunos-alunos: Alguns pequenos grupos mantêm comunicação, quer entre elementos do mesmo sexo, quer entre elementos de sexos diferentes.</p>
<p>Síntese</p>	<p>O professor orienta as tarefas. Não controla totalmente a comunicação entre alunos.</p>

Discussão

Durante a realização do presente trabalho foram sentidas algumas dificuldades que, de algum modo poderão ter condicionado os resultados finais. Dentre elas, podem ser enunciadas as seguintes:

- a) a falta de conhecimento prévio do tipo de aula, da disciplina, do professor e da sala;
- b) a posição pouco favorável dos observadores, durante a observação;
- c) a falta de treino dos observadores;
- d) o fraco nível de interacção observado.

No que respeita à falta de conhecimento prévio, as dificuldades fizeram-se sentir na preparação da observação, o que foi resolvido com a adopção de um protocolo naturalista; quanto à posição pouco favorável dos observadores, não houve qualquer hipótese de poder contrariar a situação, dado o espaço limitado à disposição dos observadores.

O baixo nível de interacção observado poderá ser explicado pelo facto de se tratar de uma aula de apresentação, na qual nem o docente, nem os alunos se conheciam previamente. Para além disso, a estrutura de uma aula de apresentação não permite, em geral, o desenvolvimento de grande diversidade de comportamentos, condicionando a interacção professor-alunos.

Por último, a falta de treino dos observadores terá sido responsável, possivelmente, pela deficiente análise da interacção existente. A própria observação não pode ser considerada exaustiva, pois os intervenientes nalgumas interacções aluno-aluno não foram devidamente identificados por inadequação do método de registo adoptado; esta falha seria facilmente ultrapassada com a utilização de um gravador, por exemplo, ou de uma câmara de vídeo.

É de salientar que o trabalho apresentado foi baseado numa única observação e, como tal, os dados obtidos são pouco significativos, dada a fraca representatividade da amostra.

O trabalho realizado, podendo ser considerado como uma iniciação à observação de classes, corresponde fundamentalmente a um treino do observador, tal como definido por DAMAS & DE KETELE (1985), que defendem a não existência duma técnica-tipo universal para treinar observadores, mas sim a de um plano contingente às diversas variáveis intervenientes nas situações pedagógicas. Das várias fases do plano de treino apresentado por estes autores, pode considerar-se que o trabalho descrito contemplou, apenas, as três primeiras, sendo estas constituídas pelas seguintes acções:

- a) na primeira fase, o observador observa e anota os comportamentos antes de aprender o sistema de observação sobre o qual irá trabalhar posteriormente, descobre a importância e a natureza dos erros que podem ser cometidos pelo observador, consciencializa a importância da categorização e familiariza-se com o processo de observação;
- b) na segunda fase, o observador lê e estuda o manual de observação a utilizar, de modo a familiarizar-se com o método ou sistema;
- c) na terceira fase, o observador inicia a aprendizagem da categorização e codificação da observação com protocolos escritos.

Ao colocarmo-nos empaticamente na posição do professor, rapidamente nos apercebemos da dificuldade e relatividade da sua posição de educador/observador/avaliador, pois toda a sua atenção e concentração estão constantemente a ser solicitadas e repartidas por um grande número de actividades e indivíduos, dificultando a possibilidade de uma observação objectiva e sistemática.

Apesar das dificuldades, para existir envolvimento na intervenção pedagógica construtiva e para proporcionar uma avaliação formativa aos educandos, deve-se tender para uma prática de observação flexível, constante e contínua, pois, como defende FLANDERS (1976, *in* ESTRELA, 1986, p. 63), “a investigação tem demonstrado que quando os professores ou alunos-professores têm a oportunidade de uma prática que é seguida de análises críticas adequadas, há muitas probabilidades de eles mudarem ou modificarem os seus padrões de comportamentos de ensino”.

“A observação de situações educativas continua a ser um dos pilares da formação de professores (...), demonstrando a investigação que não há um modelo de bom professor, mas sim uma infinidade de modelos possíveis” (ESTRELA, 1986, p. 61); não existindo um modelo único e ideal de professor, este deve munir-se de métodos de observação que lhe permitam estar mais consciente das situações de ensino e, também, mais consciente de si próprio, nessas mesmas situações. Independentemente da escolha do modelo, este deve permitir uma análise crítica, de forma a ser escolhido ou rejeitado com o rigor necessário, ajudando o professor a:

- reconhecer e identificar fenómenos;
- apreender relações sequenciais e causais;
- ser sensível às reacções dos alunos;
- pôr problemas e verificar soluções;
- escolher objectivamente a informação, organizá-la e interpretá-la;
- situar-se criticamente face aos modelos existentes;
- realizar a síntese entre a teoria e prática

(ESTRELA, 1986, p. 62).

Bibliografia

- DAMAS, Maria Joaquina; DE KETELE, Jean-Marie – *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.
- ESTRELA, Albano – *Pedagogia, Ciências da Educação?* Porto: Porto Editora Lda., 1992.
- ESTRELA, Albano – *Teoria e Prática de Observação de Classes - uma estratégia de formação de professores*. 2ª edição, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- ESTRELA, M.T.; ESTRELA, A. – *A técnica dos incidentes críticos no ensino*. Lisboa: Estampa, 1978.

Apêndice 1

Disciplina _____
Instituição _____
Duração da observação _____

Curso _____ Ano _____
N.º de alunos _____ Data _____
Observador _____

Hora	Descrição (situações e comportamentos)	Observações complementares

